



ENSAIO



Política e Carnaval:

Como narrar a militância ancestral de Fernanda Benvenutty

Silvana de Souza Nascimento, *Universidade de São Paulo (USP)*

Resumo. Este ensaio pretende refletir sobre o processo coletivo de construção de escrita da biografia de uma das mais importantes ativistas do movimento trans e travesti no Brasil, Fernanda Benvenutty, que faleceu em 2020. Mostra os atravessamentos e desafios das pessoas escritoras do livro na elaboração da obra, bem como de algumas reverberações antropológicas fruto desse encontro.

PALAVRAS-CHAVE: Travesti; Biografia; Fernanda Benvenutty; Antropologia



“Quando é que tu vais escrever meu livro?”, perguntou-me Fernanda Benvenutty, em janeiro de 2016, quando nos encontramos em um seminário como parte das comemorações do Dia Nacional da Visibilidade Trans, em São Paulo. Eu acabava de retornar a minha cidade natal e continuava a acompanhar, mesmo que à distância, as movimentações de Fernanda. Nessa época do ano, ela costumava vir à capital paulistana participar de eventos organizados em comemoração à visibilidade trans, visitar amigas e também comprar acessórios para os figurinos da sua escola de samba Unidos do Roger, sobretudo em lojas da rua 25 de Março.

Enquanto ela estava em São Paulo (ou por vezes no Rio de Janeiro), integrantes da escola de samba trabalhavam na laje da sua casa, no bairro do Roger, em João Pessoa, para os preparativos do Carnaval. Lá uma rede de trabalho coletivo se organizava para bordar, costurar, colar, remendar, criar e montar os figurinos e adereços para o esperado dia do desfile.

Naquele ano de 2016, pude encontrar Fernanda em São Paulo e segui-la em algumas de suas compras, e fomos acompanhadas de Fernanda de Moraes da Silva e Anyky Lima¹, companheiras de longa data do movimento trans.



Fernanda Benvenutty. Reprodução / Facebook

¹ Fernanda de Moraes da Silva, mulher transexual negra, ativista e assistente social, é atualmente coordenadora Nacional da CONATT, Conexão Nacional de Mulheres Transexuais e Travestis de Axé e secretária da ANTRA. Anyky Lima, conhecida como a Vó Anyky, atuou em várias frentes do movimento LGBTQIA+, inclusive pelos direitos das trabalhadoras sexuais. Foi presidenta do Cellos-MG (Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual em Minas Gerais) e também foi representante estadual mineira da ANTRA. Faleceu em 2021, aos 65 anos, em Belo Horizonte, vítima de um câncer.



A partir do chamado de Fernanda para escrever sua biografia, convidei Lux Ferreira de Lima para esta empreitada. Lux Lima, hoje professore da Unicamp, na época era aspirante a um doutorado em Antropologia com um projeto de pesquisa sobre biografias e autobiografias de pessoas trans no Brasil e nos Estados Unidos, sob minha orientação. E começamos a trabalhar no livro neste mesmo ano. Já havia vários materiais que eu tinha coletado durante minha temporada na Universidade Federal da Paraíba, como entrevistas gravadas, diários de campo, materiais de campanha política e do movimento LGBTQIAPN+ e fotografias.

Fomos reunindo histórias e narrativas de Fernanda, de 2016 a 2019, entre idas e vindas entre João Pessoa e São Paulo, com visitas em sua casa no bairro Roger, registrando conversas informais e entrevistas, tanto com ela quanto com colegas de trabalho, amigos e familiares.

Lux pôde ficar alguns dias hospedade em sua casa em três ou quatro ocasiões e foi se aproximando de Fernanda Benvenutty ao mesmo tempo que ia aprendendo o ofício de trabalho de campo que, até então, não tinha realizado de forma mais permanente. Em uma de nossas primeiras visitas, Fernanda nos mostrou uma velha mala de viagem, onde ela guardava uma riqueza de materiais que não só registravam sua trajetória, mas do movimento LGBTQIAPN+ paraibano e nacional, tais como fotografias, documentos, jornais, cartazes, folders, que tivemos a oportunidade de digitalizar e disponibilizar para o acervo do Movimento do Espírito Lilás (MEL).

Nesse trabalho de elaboração coletiva de sua biografia, fomos aprendendo com Fernanda aquilo que ela desejava deixar como memória, o que deveria ser lembrado e o que deveria ser silenciado e esquecido (Lima, 2022). Grande parte da trajetória política de Fernanda já tinha sido registrada por mim durante a temporada em que vivi em João Pessoa e, então, nos dedicamos, naquele momento, a explorar outras faces de sua vida, tentando acompanhar os caminhos que ela escolhia compartilhar conosco.

Sua narrativa sobre si não seguia um fio linear e cronológico e era conduzida pelo seu desejo de relembrar eventos e situações que considerava importante: os amores, inclusive os da infância e adolescência; os dois casamentos; sua transição de gênero e a saída do lugar de origem para viver como travesti na capital; o ofício de parteira e técnica em enfermagem em hospitais; a experiência com a adoção de duas crianças e a maternidade; o Carnaval e as escolas de samba; sua



candidatura à vereadora e à deputada estadual; sua participação nas organizações trans e LGBTQIAPN+s na capital paraibana e a nível nacional; e, por fim, seu processo de adoecimento e morte.

Realizando um sonho de muitas jovens do interior, Fernanda Benvenutty, nascida em Remígio, no Cariri Paraibano, fugiu com um circo quando tinha seus 15 anos. Apaixonou-se por um jovem rapaz, trabalhador do circo e com ele viveu uma breve história de amor nos anos 1970. No circo, foi bilheteira, palhaça, trapezista e atriz. Nos espetáculos teatrais, sempre fazia personagens femininos. Com o circo, viajou por diferentes cidades e parece que ali já começou a experimentar tanto seus trânsitos de gênero quanto seu espírito viajante.

Durante a infância e adolescência em Remígio, sempre se percebeu como feminina, apesar da reprovação familiar, sobretudo paterna. Aos 16 anos, mudou-se para João Pessoa, a capital, já no final dos anos 70, em plena ditadura militar. A ideia era apenas passear na cidade e conhecer o mar, mas acabou ficando e só voltou a visitar a família cinco anos mais tarde. Essa decisão repentina de ficar em João Pessoa e não voltar para casa também está presente em outras narrativas de jovens travestis, que “acabaram ficando” mais tempo que o planejado em uma cidade ou mudando-se de lugar sem planejamento inicial.

A ida para João Pessoa foi um marco na trajetória de Fernanda, momento no qual iniciou seu processo de feminilização corporal, assumindo-se como travesti. Na capital paraibana, entrou pela primeira vez em contato com uma comunidade gay em formação e conheceu algumas poucas travestis que já circulavam pela capital e traziam informações sobre hormônios. Além disso, também atuou pontualmente na prostituição e depois interrompeu a atividade para se dedicar ao curso de técnica em enfermagem.

Para se sustentar, ela realizou diversos tipos de trabalho informal, como empregada doméstica, babá, ajudante de cozinha, cozinheira, garçone, lavadeira e passadeira. Entre o final dos anos 70 e os anos 80, ainda no período da ditadura militar, Fernanda era uma das poucas travestis que circulava na cidade durante o dia. E foi aprendendo as estratégias de sobreviver e de escapar a várias formas de violência, tanto nas casas de família em que trabalhou, e sofreu assédio sexual, quanto nas ruas, por parte de clientes e homens. Já nos anos 90, depois de se formar em técnica em enfermagem, assumiu contratos temporários em hospitais e posteriormente ingressou em duas maternidades por meio de concurso público, uma em Goiana, na região metropolitana de Recife, outra em João Pessoa. Tornou-se parteira.



Nesses ambientes de trabalho, relatou muitos empecilhos, discriminações e violências, desde o momento da contratação, da renovação dos contratos, até os trabalhos cotidianos em que trouxe centenas de crianças ao mundo. Era vista como alguém que não deveria estar ali. Contudo, Fernanda atuou em hospitais até seu falecimento, aos 55 anos.

Ela tinha três sonhos, sendo que dois deles conseguiu concretizar em vida: ser mãe, política e escrever um livro sobre sua vida. Para concretizar estes sonhos, Fernanda dedicou-se ao movimento LGBTQIAPN+, na Paraíba e nacionalmente, candidatou-se três vezes a vereadora e uma vez a deputada estadual, virou muitas noites nos plantões hospitalares ao longo de três décadas, adotou duas crianças, que hoje já são adultas, e fundou uma escola de samba, a Unidos do Roger. Fez muitos movimentos e sua trajetória saiu da rota programada para grande parte das travestis no Brasil que tiveram que cair na estrada e sustentar-se com o trabalho sexual.

Conheci Fernanda em 2009, quando fiz meu primeiro contato com ela para me aproximar das questões que envolviam os transfeminicídios, período do assassinato de uma interlocutora de minhas pesquisas. Foram dez anos de convivência, entre idas e vindas, até sua morte, no início de 2020, um mês antes da eclosão da pandemia de Covid-19. Quando a conheci, ela era a presidente da Associação das Travestis e Transexuais da Paraíba (ASTRAPA), hoje Associação das Mulheres Travestis, Transexuais e Transfeministas da Paraíba (ASTTTRANS), cuja sede localizava-se no espaço do antigo teatro Cilaio Ribeiro, no centro de João Pessoa.

A ASTRAPA/ASTTTRANS foi fundada em 2002, com a participação de Fernanda Benvenutty, Andreina Giulliany, Geovana Laverna, Ana Beatriz Duarte e Lumara Vilar. Até então, a atuação militante das travestis era realizada dentro do Movimento do Espírito Lilás, o MEL, presidido à época por Luciano Bezerra, fundado em 1992, uma organização liderada sobretudo por homens cis e gays (Oliveira, T. 2017). Fernanda atuava tanto na ASTRAPA, na Paraíba, quanto nacionalmente, na ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), que foi fundada em 2000. Toda sua trajetória foi contada em livro, escrito por mim e Lux Lima, publicado no final de 2022, pela editora Patuá, resultado de entrevistas, conversas e trocas que tivemos com Fernanda



ao longo de cinco anos, em que fomos construindo juntas o projeto da sua biografia (cf. Benvenutty, Nascimento e Lima, 2022)².

“Ô abre alas, que ela vai passar”

Fernanda se foi no dia 2 de fevereiro de 2020, dia de Iemanjá, bem no início da pandemia de Covid-19. O câncer que a acometeu não deu trégua e ela não pôde ver seu livro publicado, tampouco comemorar (nesse plano) a vitória da sua escola de samba no Carnaval, 20 dias depois de sua morte. Naquele ano, o samba-enredo da Unidos do Roger foi justamente dedicado a ela, já prevendo a possibilidade de ela não estar mais presente.

“Abram alas que ela vai passar, a Unidos do Roger vai te exaltar; Fernanda Benvenutty seu legado é imortal; hoje é o enredo do meu Carnaval”.

Para nós que ficamos ainda por aqui, Lux e eu, sua partida foi bastante dura e estávamos, naquela data, fora do Brasil e não tivemos a oportunidade de acompanhar presencialmente os rituais de despedida. Contudo, mantemos o projeto de finalização do livro e depois de várias tentativas e buscas de editoras que pudessem receber a publicação, tivemos uma resposta positiva da editora Patuá, de São Paulo, que lançou o livro em 2022.

Apesar de Fernanda não ter visto o livro finalizado, pôde ler uma das últimas versões em 2019, na última visita que Lux fez a ela, onde pôde fazer comentários do texto e balanços de sua vida. A imagem da heroína e da primeira travesti, batalhadora e invencível, aos poucos foi dando

² Na primeira aproximação com a ASTRAPA, elaborei um projeto de extensão, com o apoio da associação, “Olhares travestis”, vinculado à Universidade Federal da Paraíba, em 2009, que tinha como propósito elaborar ações que envolvessem a universidade e a sociedade civil para contribuir para a desconstrução das imagens estereotipadas sobre travestis e mulheres trans. Por meio deste projeto, montamos a exposição fotográfica “Variações do Feminino”. Depois deste primeiro projeto de extensão, vieram outros dois. “Olhares da Diversidade”, que tinha como foco auxiliar o Movimento do Espírito Lilás na reconstituição da memória do movimento LGBTQIA+ na Paraíba e, posteriormente, em 2012, “Diversidade Sexual e Direitos Humanos na Paraíba”. Este último foi um programa, desenvolvido em coautoria com mais dois docentes da UFPB, Monica Franch e José Batista de Melo Neto, com apoio do Ministério da Educação, sendo parte dos resultados publicada em uma coletânea, **Entre o sertão e o mar: poéticas e políticas LGBT na Paraíba**, pela editora Devires (Nascimento e Franch, 2018), com a participação várias pessoas da equipe.



lugar a inseguranças por conta de seu processo de adoecimento e do afastamento de sua família biológica³.

O processo da escrita da sua biografia foi bastante artesanal e coletivo. Foram horas e horas gravadas de conversas com Fernanda e com pessoas próximas a ela. Fomos dividindo, entre nós, a escrita dos capítulos e, à medida que ficavam prontos, líamos e revisávamos juntas, realizando uma produção conjunta de narrar e de escrever, e alternávamos com as falas de Fernanda, que ficaram destacadas no projeto editorial, como uma segunda voz. Assim, assinamos em três a autoria da publicação, com um generoso prefácio de José Cleudo Gomes, ativista LGBTQIAPN+, professor, doutor em Educação pela UFPB e amigo muito próximo de Fernanda que acompanhou durante anos sua carreira política. Cleudo também colaborou em diferentes momentos na produção do livro, oferecendo, generosamente, muitas informações sobre a trajetória pessoal e política de Fernanda, inclusive sobre o processo de sua partida, que foi para ele avassalador.

Como contar histórias sobre uma vida que se encerrou no processo de relatá-la? Como sustentar o comprometimento dialógico na ausência da interlocutora e co-autora? Como interromper bruscamente o modelo narrativo pensado a partir de um arco de heroísmo e invencibilidade para fazer caber no desfecho do relato, em uma curva inesperada no momento da linha de chegada, a enfermidade, a fragilização e o perecimento? (Lima, 2022, p. 353).

Nas primeiras versões do texto, percebemos que nossa narrativa construía uma Fernanda Benvenutty heroína, invencível, romântica, cuja pessoa fomos redesenhando até encontrar um caminho onde as fissuras e os percalços pudessem aparecer. Na verdade, a heroína se revelava, inclusive, na maneira admirada como estabelecemos nossa relação com ela e até nos cegava. Aos poucos, cultivando uma relação de proximidade e confiança, nos deparamos com suas vulnerabilidades e tentamos fazer com que estas também estivessem presentes em nossa narrativa. O desafio estava em como realizar, em nós, um movimento de aproximação e distanciamento para tornar a linguagem do texto, de inspiração

³ Benvenutty, Fernanda, Nascimento, Silvana, Lima, Lux. **Fernanda Benvenutty, uma política travesti.** São Paulo: editora Patuá, 2022. <https://www.editorapatua.com.br/fernanda-benvenutty-uma-politica-travesti-de-fernanda-benvenutty-silvana-nascimento-e-luiza-ferreira-lima/>



antropológica, acessível para diferentes públicos e que pudessem fazer sentido para Fernanda e para quem desejasse ler sua história.

Os primeiros relatos que ela nos ofereceu foram aqueles sobre os amores que teve, desde sua fuga no circo na adolescência, até seus dois maridos. Passamos muitos cafés em sua cozinha ouvindo histórias sobre seus afetos (e desafetos) e também sobre diferentes experiências de violência e de dor. Outro assunto que ela também dedicou muito tempo da sua narrativa foram os processos de adoção de seus dois filhos, Welan e Welania, e como elaborou sua maternidade com o auxílio e o cuidado de dona Maria, sua mãe. Aos poucos fomos entendendo os meandros de uma maternidade fragmentada e complexa, cujas crianças também a chamavam de tia e a avó de mãe (já falecida), e revelavam faces contraditórias de toda uma vida na busca de ser reconhecida como mãe de família, travesti, profissional da saúde e ativista LGBTQIAPN+. A maternidade, para ela, encontrava-se tanto na relação que estabelecia com suas pacientes em processo de parto quanto com seus filhos, que mantinham com ela uma relação de afeto, ainda que marcada por ambiguidades.

A questão familiar, tão complexa e dolorosa quando envolve pessoas trans, mostrou-se bastante tensa inclusive no momento de sua partida já durante o velório, onde parentes começaram a levar embora pertences da sua casa, expulsaram amigos e integrantes da Unidos do Roger que estavam em sua casa confeccionando os figurinos às vésperas do Carnaval e, por fim, colocaram aquela rica e antiga mala de viagem na calçada, onde toda uma vida militante estava ali.

Houve, assim, uma dupla morte e de negação de toda uma trajetória que não foi reconhecida por membros de sua família biológica. Felizmente Andreina Vilarim, uma das amigas que acompanhou Fernanda nos últimos meses de sua vida, pôde recuperar a mala e guardá-la em sua casa. Outra amiga fundamental foi Ana Beatriz Duarte, decoradora, que também a acompanhou nesse período de adoecimento. Foi essa família de afeto – amigas, integrantes da escola de samba e os orixás – que estava com Fernanda no final de sua vida. Não foram os irmãos, nem cunhadas, nem filhos, nem o pai. Grande parte deles moram em Remígio, pequena cidade na região do Cariri paraibano, lugar que tive a oportunidade de visitar em duas ocasiões.

A primeira vez foi acompanhando sua campanha eleitoral como deputada estadual pelo Partido dos Trabalhadores, em 2011, e a segunda foi para entrevistar seu filho, seu pai e seu cunhado para a escrita do livro.



Como conta José Cleudo Gomes (2022), a visita a Remígio durante sua campanha eleitoral parecia uma cena de “Tieta”, o romance de Jorge Amado, aquela que retorna triunfal para sua cidade natal, com uma comitiva que incluía inclusive uma antropóloga meio fotógrafa (que era eu, no caso). À medida que Fernanda caminhava pela cidade, lembrava-se dos seus tempos de infância e adolescência, revivendo pedaços de sua história.

Em Remígio, visitou vários parentes – irmãos, tios, sobrinhos, cunhadas. Em cada casa, deixava santinhos e pregava adesivos e cartazes nas portas, demarcando espacialmente sua campanha eleitoral. Algumas pessoas nas ruas e calçadas demoravam a reconhecê-la e, muitas vezes, chamavam-na pelo nome de nascimento – Eliziário Bemvindo da Silva.

O sobrenome Benvenutty foi uma forma de dar continuidade ao sobrenome familiar, Bemvindo, traduzido livremente para o italiano. Na sua cidade natal, Fernanda pôde visitar lugares que pouco frequentou ao longo de anos e rever pessoas que, até então, conheciam Eliziário e não Fernanda.

O retorno às suas origens possibilitou uma atualização do presente reforçando sua ascensão social, retornando à sua cidade não mais como um rapaz que “dava muito trabalho” para a família, mas como uma travesti bem sucedida, servidora pública, candidata à deputada estadual pelo PT.

Nas duas visitas que fiz à sua cidade natal, Fernanda mostrava-se confiante e parecia ser uma pessoa de referência na família, sobretudo porque a apoiava economicamente. Apesar de seu pai nunca ter aceitado sua identidade de gênero, e de ela ter sofrido diferentes experiências de violência doméstica especialmente na infância e na adolescência, fez questão que eu o conhecesse e o entrevistasse. Sempre se mostrava forte e sorridente, orgulhosa de ter sido uma das primeiras travestis a afirmar-se publicamente na região, de ter conquistado cargos públicos como técnica em enfermagem, dirigir escolas de samba, ser referência no movimento trans etc.

Fernanda, ao mobilizar o modelo de narrativa heroica e de pessoa pronta, autônoma [...] reivindica para si e para a própria história papeis e agência a ela denegados, e repudia a única modalidade de reconhecimento oferecida – marcada por instâncias de desprezo, pena, interdição ao estatuto de pessoa. Nega, ademais, a capacidade desta dinâmica de



enquadramento e de relação subjetivação-assujeitamento atingirem-na. Faz, da sua oralitura, autodefesa (Lima, 2022, p. 351).

Lux Lima, no último capítulo de sua tese de doutorado, refletiu sobre esse processo de construção da personitude de Fernanda e apontou, em sua narrativa biográfica, que havia uma negação do lugar da vítima que a colocava em um lugar intangível, como liderança, mas que, ao mesmo tempo, ia se fraturando e transbordando para fora desse enquadramento. Essas fraturas emergiram também na relação que se estabeleceu entre nós, Fernanda e a escrita. Com nosso apoio, ela concretizou o desejo de ter seu livro publicado, para que sua vida pudesse ser conhecida entre as novas gerações; e com o apoio dela, pudemos construir uma escrita compartilhada e, com a perspectiva de uma antropologia implicada, elaborar uma narrativa que pudesse perseguir sua oralitura (Martins, 1995).

Ao acompanhar Fernanda entre Remígio, João Pessoa e São Paulo, pude conectar diferentes pesquisas que realizei com travestis e reforçar a centralidade do movimento para pensar seus modos de ser e estar no mundo. Ela não parava de transitar por espaços muito heterogêneos, circulava entre “aquilo e aquilo outro”, como ela mesmo dizia. Realizava plantões em três hospitais diferentes, ao longo da semana e, entre os plantões, participava tanto das atividades da escola de samba quanto dos movimentos LGBTQIAPN+ na Paraíba e em outras regiões do país.

Sua longa atuação em hospitais e maternidades, e sua participação em inúmeros partos, aproximou-a de ambientes familiares heteronormativos e de mulheres cisgênero, sobretudo de classes populares. Também atuava na Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e na Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT) e realizava muitas viagens pelo Brasil, tornando-se uma das principais referências do movimento trans, ao lado de outras companheiras como Keila Simpson.

Fernanda pertencia a muitos lugares e plantou sementes em vários terrenos. Nunca ficava parada, evidenciando um multipertencimento e, ao mesmo tempo, um incômodo deslocamento. E daí, possivelmente, estava seu desejo de deixar sua trajetória registrada para a posteridade, em forma de livro. E encontrou em nós essa possibilidade.



Antropologias e suas implicações na vida

Escrever a biografia de Fernanda, ao lado de Lux Lima, teve um forte atravessamento antropológico e uma natureza de fazer compartilhado e plural. Foi uma escrita a muitas mãos, inclusive com a colaboração tanto da família de afeto de Nanda, como era tratada entre as pessoas mais próximas, quanto da família biológica. Envolveu conversas, entrevistas, pesquisas documentais e um longo processo de escrita relacional até encontrarmos uma escrita que pudesse ser lida por um público amplo, para além do circuito acadêmico. Essa forma de escrever e de narrar veio ao encontro da necessidade de aprofundar a proposta de uma antropologia implicada (Albert, 1995) e do exercício de um certo ativismo intelectual (Collins, 2013).

Essa perspectiva antropológica permitiu contar e registrar diferentes histórias de Fernanda Benvenutty de modo a acompanhar seu percurso narrativo, sua elaboração de si e apresentar sua própria fala como uma terceira voz. Permitiu também, pelo trabalho do tempo e pela relação com Fernanda, uma crítica dessa mesma perspectiva e do quanto é necessário sempre estarmos alertas para não reproduzimos imagens do controle em relação a pessoas trans e travestis.

Por meio de Fernanda, e com Fernanda, pudemos aprender a cultivar uma vigilância epistemológica e ética e fazer justiça à sua imaginação e às suas experiências. Construimos um feliz encontro que pôde tornar visível a imaginação de outros mundos para a transformação das estruturas de poder por meio da valorização da memória da vida travesti. Fernanda, presente!



Referências:

ALBERT, Bruce. « Anthropologie appliquée ou 'anthropologie impliquée'? ». In: BARÉ, Jean-François (ed.) **Les applications de l'anthropologie: un essai de réflexion collective depuis la France**. Paris: Karthala editions, 1995, pp. 87-118.

COLLINS, Patricia Hill. "Truth-telling and intellectual activism". **Contexts**, vol. 12, n. 1, p. 36-41, 2013. DOI 10.1177/1536504213476244.

LIMA, Lux Ferreira. **Trânsitos em texto: uma análise comparada de biografias e autobiografias de pessoas trans no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese de doutorado em Antropologia Social. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2022.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

Resumen:

Este ensayo pretende aportar una reflexión sobre el proceso colectivo de escritura de la biografía de una de las más importantes activistas del movimiento trans y travesti en Brasil, Fernanda Benvenutty, fallecida en 2020. Presenta los cruces y desafíos enfrentados por las personas que escribieron el libro en la preparación de la obra, así como algunas de las resonancias antropológicas que resultaron de este encuentro.

Palabras clave: Travesti; Biografía, Fernanda Benvenutty; Antropología

Silvana DE SOUZA NASCIMENTO

Professora de Antropologia da Universidade de São Paulo. Atua há quase vinte anos com temáticas que envolvem pessoas trans no Brasil. Coordena o grupo de pesquisa COCCIX – Estudos indisciplinares do corpo e do território e co-coordena o coletivo Corpas Trans na USP.



Recebido em: 18/03/2025

Aprovado em: 04/05/2025